

# A FORMAÇÃO DO PROFESSOR COMO PONTO FUNDAMENTAL



Lúcia P. S. Villas Bôas: Ainda que generalizações sejam imprudentes, considerando-se as transformações que estão ocorrendo no mundo do trabalho, a formação continuada é, atualmente, uma necessidade para todas as profissões.



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 2

*Hoje em dia é impossível falar em qualidade de ensino, sem falar da formação do professor, questões que estão intimamente ligadas. Há décadas, acreditava-se que, quando terminada a graduação, o profissional estaria apto para atuar na sua área o resto da vida. Hoje a realidade é diferente, principalmente para o profissional docente. Mais do que qualquer outro profissional, o professor é cobrado por todos os lados para que se mantenha atualizado e antenado com o mundo afora, haja vista sua relação com o conhecimento. É preciso estar consciente de que sua formação é permanente e é integrada no seu dia-a-dia nas escolas. Nesta entrevista Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas fala da formação do professor, da formação continuada e da valorização e reconhecimento da categoria. Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas (FCC), atualmente desenvolve trabalho sobre o assunto no Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais, Subjetividade e Educação (CIERS-ed) da FCC. Ela fala ainda da questão salarial e como isso afeta a auto-estima e rendimento do bom trabalho do docente. Veja a entrevista:*

**FOLHA DIRIGIDA** – Fale um pouco sobre a pesquisa que está sendo desenvolvida pelo Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais, Subjetividade e Educação (CIERS-ed) do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas sobre o trabalho docente. Que aspectos estão sendo trabalhados?

**Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas** – Essa pesquisa, iniciada em 2006 e coordenada pela Profa. Dra. Clarilza Prado de Sousa, pretende analisar como os estudantes de cursos de graduação da área de educação (Pedagogia e cursos de Licenciatura) constituem sua futura profissão por meio do estudo das representações sociais que eles apresentam sobre o trabalho docente. O estudo acompanha os alunos desde os primeiros anos de curso, ou seja, é um estudo longitudinal, contando com uma rede de pesquisadores que congrega 31 grupos de pesquisa consolidados de 25 instituições nacionais e internacionais. Estamos acompanhando a formação de cerca de 3.000 estudantes em diferentes instituições de ensino superior por 4 anos, prevendo ainda 1 ano de acompanhamento após a formatura.



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 3

Com a reunião desses pesquisadores pretende-se não apenas constituir um corpo de conhecimentos sobre o trabalho docente e seus desdobramentos a partir da consideração da perspectiva dos sujeitos em situação de formação, como também desenvolver uma investigação substancial em torno de questões relacionadas à identidade docente, aos saberes envolvidos nessa profissão, às expectativas em relação ao futuro profissional do estudante universitário e à intersecção com as próprias representações dos professores desses estudantes acerca da formação que lhes é proposta e o que é, por exemplo, veiculado pelo currículo.

**FOLHA DIRIGIDA** – Ainda existe o profissional que pensa que está em um pedestal, só porque é professor? Ou estão todos conscientes da importância da aproximação com os alunos, que também são fontes de conhecimento?

**Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas** – Para uma profissão que hoje se encontra socialmente desvalorizada, a imagem do professor em um pedestal é, no mínimo, curiosa e permite tratar essa questão a partir de duas perspectivas distintas. A primeira delas refere-se ao pedestal como uma imagem positiva porque locus do saber, mais especificamente, do saber docente estando, portanto, associada à própria valorização da profissão. Não se trata de uma postura de superioridade, de menosprezo, mas sim de consciência de que o professor tem um papel social dentro da sala de aula que não pode ser confundido com o do aluno. Nesse sentido, é preciso reconquistar esse “pedestal” de modo que o profissional retome o status social que historicamente foi perdendo. Quanto à segunda perspectiva, ou seja, o pedestal como algo inatingível, parece-me que se trata de uma questão superada. O problema que se coloca, e que passa pela questão da motivação e da transposição didática, é de como otimizar essa articulação entre os conteúdos curriculares e os saberes dos alunos.

**FOLHA DIRIGIDA** – As propostas de capacitação dos professores buscam cumprir as exigências da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que exige que todos os professores do ensino fundamental e médio do país tenham diploma universitário. Quais resultados podemos esperar a partir dessa formação?

**Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas** – Uma formação sólida é fundamental para o sucesso de qualquer profissional e a área educacional não é exceção. Entretanto, esse é um ponto que não é posto em questão em outros campos como Direito, Engenharia, Medicina etc. Nesse sentido, acredito que a formação universitária contribua para a profissionalização do magistério, ainda que



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 4

esta não possa ser reduzida a um diploma ou mesmo a um acúmulo de cursos. Evidentemente que, dentre as demandas legais, encontra-se a expectativa de uma otimização do ensino que necessita articular a formação universitária com um contexto mais amplo que envolva uma discussão acerca do tipo de formação, dos saberes e práticas docentes, da subjetividade e identidade do professor, das políticas públicas etc., pois, caso contrário, corre-se o risco dos problemas educacionais brasileiros serem reduzidos a uma questão de diplomação acadêmica. Nesse sentido, o desafio é, ao atender às exigências da LDB, não transformar a formação docente em alvo de improvisação e de simplificação de modo a comprometer a formação desses profissionais.

**FOLHA DIRIGIDA** – Num mercado cada vez mais competitivo, mais do que a qualidade de formação, está em jogo a formação continuada. Essa consciência já chegou à sociedade brasileira?

**Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas** – Ainda que generalizações sejam imprudentes, considerando-se as transformações que estão ocorrendo no mundo do trabalho, a formação continuada é, atualmente, uma necessidade para todas as profissões. Mas o é por razões distintas, pois me parece temerário trazer a lógica de mercado para o âmbito educacional sob risco de compreendermos a formação continuada de professores como capacitação de competências para adequar um produto a um mercado competitivo. A formação continuada focada no professor deve estimular que esse profissional torne-se autor de sua própria formação e, nesse sentido, ela não deve consistir numa tentativa de supressão das lacunas da formação inicial e nem numa “obrigação” a mais para o professor.

**FOLHA DIRIGIDA** – A questão salarial é mesmo central quando se fala da valorização, qualificação e resgate da auto-estima do professor?

**Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas** – Ainda que essa seja uma questão que divida os especialistas e mesmo que esta relação não seja simplesmente uma equação de causa e efeito, é evidente que, no contexto das sociedades modernas, muito da atratividade profissional relaciona-se diretamente com a remuneração salarial. Nesse sentido, ela se torna uma questão crucial não apenas porque permite melhorar a qualidade de vida do docente, caso haja efetivamente um aumento significativo da média salarial, mas também porque pode servir como fator de atração de bons profissionais. Essas seriam ações de impacto imediato, mas não exclusivo, na medida em que outras ações seriam igualmente importantes para que a sociedade voltasse a valorizar essa pro-



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 5

fissão. É preciso, no entanto, ter clareza que a questão da valorização, embora inclua a questão salarial, não se resume a ela. Muitos outros pontos precisam ser considerados como, por exemplo, processos de progressão funcional e apoios institucionais. É preciso, enfim, ouvir o professor, compreender suas necessidades antes de se pensar em processos para melhorar sua auto-estima ou sua valorização. ✕

Entrevista publicada na FOLHA DIRIGIDA, em outubro de 2008.

*Assinada por Jussara Santos.*